



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: francês.]

As famílias cristãs, sujeitos da missão da Igreja

Acolher o amor conjugal e familiar como impulso missionário

terça-feira, 13 de outubro de 2026

Sra. Véronique Lonchamp

A reflexão de hoje assenta numa forte convicção de *Amoris laetitia*: as famílias cristãs não são simplesmente destinatárias do acompanhamento pastoral da Igreja; são «os principais agentes da pastoral familiar»¹ e sujeitos ativos da missão da Igreja. A sua contribuição é insubstituível. Ela não reside, em primeiro lugar, no seu agir, mas no seu próprio ser: na sua maneira de viver quotidianamente a «íntima comunidade de vida e de amor»². **Quando a sua vida quotidiana se torna um lugar onde o Evangelho ganha carne e se torna visível nas relações, nos gestos e nas provações de cada dia, elas tornam visível o amor de Cristo pela sua Igreja**³. E esta é a sua primeira missão.

Como recorda *Amoris laetitia*, o «sim» do matrimónio marca «o início de um itinerário»⁴; é uma «história de salvação»⁵ os esposos aprendem progressivamente a amar-se mais, apesar das suas fragilidades e limitações. O seu amor é chamado a amadurecer ao longo de toda a vida⁶, sustentado pela graça sacramental.

Ora, o matrimónio une duas pessoas diferentes pela sua história, pelos seus caracteres e pelas suas expectativas. Crescer juntos no amor é um desafio que exige cultivar atitudes essenciais: diálogo, perdão, paciência, entrega de si e respeito mútuo. Estas traduzem-se, nos momentos ordinários da vida conjugal, na capacidade de escutar o outro, atravessar os conflitos, pedir e conceder o perdão, carregar juntos as provações, perseverar na fidelidade, acolher um filho, cuidar um do outro ou ainda recomeçar depois de um fracasso.

É assim que os esposos tornam visível o amor de Cristo: cada passo dado no amor, mesmo que modesto, torna-se um sinal desse amor. Ao deixarem que a graça de Deus atue na sua vida, **os esposos tornam-se, para os seus filhos e para aqueles que os rodeiam, «cooperadores da graça e testemunhas da fé»**⁷. *Amoris laetitia*⁸ lembra-nos também que a família é o primeiro lugar de

¹ AL 200

² GS 48

³ Cf AL 121

⁴ AL 218

⁵ AL 221

⁶ Cf. AL 134 et AL 220

⁷ AL 321 citant AA 11

⁸ Cf. AL 276

socialização, onde se aprende a prestar atenção ao outro, a partilhar, a respeitar e a ajudar-se mutuamente. É no quotidiano da vida familiar que se aprende, concretamente a viver o Evangelho.

A família é um lugar de acolhimento incondicional. Nela, a criança é recebida como um dom, amada por si mesma e convidada a descobrir o seu lugar único no seio da família, inclusive quando a deficiência, as provações ou determinadas escolhas de vida suscitam incompreensões, desacordos ou tensões.

É também o lugar de um acompanhamento fiel ao longo do tempo. Os pais apoiam cada filho no seu crescimento, ajudam-no a tornar-se livre e responsável e permanecem para ele uma presença estável ao longo de toda a sua existência.

É, por fim, um lugar de aprendizagem do discernimento. Confrontados com múltiplas escolhas e, por vezes, com situações complexas, os pais acompanham cada um dos seus filhos na procura daquilo que o ajudará a crescer e a avançar no seu próprio caminho.

Porque não nos escolhemos uns aos outros na família, cada um aprende aí a viver com diferenças de temperamento, de geração ou de percurso. Manter o vínculo apesar das tensões, dar lugar a cada um, acolher os que chegam e cuidar dos mais frágeis constituem outras tantas formas concretas de viver a caridade.

Através de «milhares de gestos reais e concretos»⁹, cada um experimenta o perdão, a paciência, o serviço, a fidelidade e a misericórdia. Estas atitudes podem ser vividas e manifestar-se em qualquer família que procure viver segundo o Evangelho, inclusive quando a sua situação não corresponde plenamente ao ideal cristão do matrimónio. Pois nenhuma família está constituída de uma vez por todas, nenhuma é perfeita; cada uma é chamada a deixar-se transformar pela ação de Deus na sua existência quotidiana, para se tornar sinal da presença de Deus no mundo.

A família torna-se então esse «lugar teologal onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado»¹⁰ e uma verdadeira «Igreja doméstica», onde a fé é vivida, celebrada e transmitida no quotidiano. A família não transmite apenas valores: encarna-os. A fé não é, em primeiro lugar, ensinada; é vivida através da atenção prestada aos mais frágeis, da solidariedade entre as gerações, da capacidade de superar as dificuldades em conjunto, da oração partilhada e do perdão após os conflitos.

A coerência entre a fé professada e o modo de viver revela assim um amor autenticamente humano e cristão em todas as suas dimensões: afetiva, relacional, corporal e espiritual. Transmite às crianças uma visão cristã do amor, ponto de referência essencial para a sua vida afetiva e relacional, num contexto cultural marcado, nomeadamente, pela banalização da pornografia.

Os percursos de fé observados hoje oferecem numerosos testemunhos da fecundidade da vida familiar:

Os noivos com pouca formação catequética testemunham que o seu desejo de casar-se na Igreja nasceu da memória da fé vivida por um avô ou uma avó.

O recente crescimento do catecumenado em França mostra que a transmissão da fé é frequentemente multidirecional: o percurso de fé de uma criança, de um adolescente ou de um adulto catecúmeno

⁹ AL 315

¹⁰ AL 317

leva frequentemente outros membros da sua família a redescobrir a fé cristã. Todos podem assim ser, uns para os outros, testemunhas e transmissores do Evangelho.

«Célula vital para transformar o mundo»¹¹, a família irradia muito para além do lar. O seu modo de ser e estar manifesta-se nos seus locais de vida, de trabalho e de empenho, incluindo onde a Igreja tem pouca presença.

Assim, um empresário esforça-se por conciliar as exigências económicas, a dignidade das pessoas e a qualidade das relações humanas.

Pais empenhados na vida de uma instituição de ensino contribuem para o bem comum, colocando as suas competências ao serviço das crianças e das famílias.

Aqueles que aprenderam na família a atenção a cada pessoa e o respeito pelos mais frágeis defendem pessoas injustamente afastadas, desconsideradas ou julgadas, no mundo associativo ou profissional.

Famílias atentas às pessoas idosas isoladas ou aos vizinhos que atravessam dificuldades tornam visível uma verdadeira fraternidade.

Do mesmo modo, vivendo e transmitindo concretamente aos seus filhos o respeito pela criação, as famílias contribuem para fazer crescer na sociedade uma cultura de ecologia integral.

No contexto francês, onde a fé é frequentemente vivida com discrição, este testemunho passa por uma maneira de viver as relações humanas. Não é raro que pessoas afastadas da Igreja procurem espontaneamente junto de cristãos uma escuta, um conselho ou um conforto. Percebem neles uma atenção às pessoas, uma fidelidade nos compromissos e uma esperança que inspira confiança. Assim, sem nomearem sempre explicitamente a sua fé, as famílias cristãs tornam perceptível algo do amor de Deus e contribuem para humanizar as relações no próprio coração das realidades quotidianas.

Se as famílias são verdadeiramente sujeitos ativos da missão da Igreja, o que é que isso muda para a Igreja?

Isto conduz a reconhecer mais plenamente o seu lugar na ação pastoral. Porque conhecem, a partir de dentro, as alegrias e as dificuldades, a palavra dos esposos é insubstituível; só eles podem dar testemunho da vocação conjugal a partir da experiência vivida.

A sua contribuição encontra expressões concretas nas numerosas iniciativas que surgiram em França ao longo dos últimos dez anos, sob o impulso de *Amoris laetitia*.

Eis alguns exemplos:

- Uma presença crescente de casais mais velhos na preparação para o matrimónio. Através do seu acompanhamento, da partilha da sua experiência e dos vínculos de apadrinhamento estabelecidos, testemunham que é possível um amor duradouro; que as crises podem ser atravessadas; que a fidelidade pode tornar felizes.
- A criação de Casas das Famílias nas dioceses responde ao apelo do n.º 229 de *Amoris laetitia* para desenvolver lugares de acolhimento, escuta e acompanhamento dos casais e das famílias.

¹¹ AL 324

- A diversificação dos percursos para os jovens casais e das iniciativas de apoio à parentalidade, com formatos à distância adaptados às zonas rurais.
- A contribuição dos casais para a elaboração de orientações diocesanas para o acompanhamento das pessoas separadas, divorciadas ou que vivem numa nova união.
- O capítulo IV, nomeadamente o comentário ao hino ao Amor, constitui um guia precioso para a vida conjugal. Toca profundamente os casais e mereceria ser muito mais amplamente divulgado.

Por outro lado, reconhecer as famílias como sujeitos ativos convida a Igreja a receber delas uma experiência insubstituível do amor, da fidelidade, da educação, da fragilidade e do perdão. Não se trata apenas de lhes confiar mais responsabilidades pastorais. A Igreja é também chamada a receber delas um saber-fazer que brota do seu saber-ser.

Por viverem diariamente as alegrias e as fragilidades das relações humanas, as famílias sabem que uma pessoa cresce graças a um acolhimento incondicional, a uma presença fiel ao longo do tempo, a um discernimento paciente e a uma integração que rejeita a exclusão; sabem também, por experiência própria, que a família cresce quando dá todo o espaço aos mais pequenos e aos mais frágeis¹².

Fazem a experiência de que o crescimento humano e espiritual é um caminho, frequentemente lento, marcado por avanços, recuos e recomeços.

As famílias aprendem concretamente a viver juntas apesar das diferenças e das tensões, a privilegiar o acolhimento antes do julgamento, a acompanhar cada pessoa no seu próprio caminho, a discernir as possibilidades de crescimento, a zelar para que cada um tenha o seu lugar e a praticar o perdão e a reconciliação.

A experiência familiar ilumina de forma particular os quatro verbos que estruturam a ação pastoral: acolher, acompanhar, discernir e integrar. Deixando-se instruir por esta experiência, a Igreja é chamada a tornar-se cada vez mais aquilo que é: «uma família de famílias»¹³, onde cada um pode ser acolhido, acompanhado, apoiado nas provações e ajudado a crescer na fé segundo o seu próprio ritmo.

De que forma é que esta experiência concreta das famílias ilumina a prática da escuta, do discernimento e da decisão da Igreja? E como é que a Igreja poderia acolher melhor a sua contribuição para conceber e exercer a sua missão?

É essencial apoiar as famílias na sua vocação missionária. Contudo, a questão não é apenas aquilo que a Igreja pode fazer com elas. É também reconhecer aquilo que a Igreja recebe delas. Quando as famílias são reconhecidas como verdadeiros agentes da missão, ajudam a própria Igreja a tornar-se mais sinodal, missionária e atenta às pessoas.

¹² AL 47

¹³ AL 87